

A R E G E N E R A Ç Ã O

AVENÇA

Semanaário regionalista e cultural

Director Literário—Dr. João Tendeiro
Composto e Impresso na
Typ. Figueirense—Figueiró dos Vinhos

Director, Editor e Proprietário:
Doutor Manuel Simões Barreiros

Redacção e Administração:
Rua Major Neutel de Abreu
FIGUEIRO DOS VINHOS

Figueiró Terra de
Turismo

Cuidando das crianças

Pelo Secretariado da Propaganda Nacional, foi enviado a esta vila o sr. dr. José Pinto Morais da Cruz Aguiar, a fim de organizar uma monografia do concelho destinada áquele Secretariado.

Ao mesmo tempo a revista «A viagem», envia também um dos seus principais redactores, o sr. R. Belo Betencourt, poeta considerado e jornalista.

A Comissão Municipal de Turismo, ofereceu aos ilustres hospedes um almoço, numa das quintas do Ribeiro Travêso.

No final do almoço, que decorreu animado, o sr. Afonso dos Remédios Furtado, funcionário colonial, ofereceu mil escudos ás crianças pobres da vila.

A esta nota simpática do sr. Furtado foi dado cumprimento, no dia seguinte, domingo próximo passado, na Câmara Municipal, a que assistiram além douras individualidades o sr. Presidente da Câmara e dr. Pinto de Aguiar, sendo contempladas cerca de duzentas crianças.

Casa do Povo

Por despacho do sr. Sub-Secretário da Corporação, foi alargada a área da Casa do Povo, com sede em Figueiró, abrangendo todas as freguesias do concelho.

Dentro em breve, serão criados postos médicos na sede de todas as freguesias onde irá, todas as semanas, o médico da Casa do Povo dar consulta gratuita a todos os associados.

Esta medida procura resolver um dos mais graves problemas: a assistência médica rural.

Com ela, depois dos postos médicos estarem a funcionar, os serviços clínicos rurais melhoram, podemos mesmo dizer que, se houver um serviço combinado com os médicos municipais, isto é, se as visitas se alternarem, todas as freguesias ficam com duas visitas médicas semanais obrigatórias.

Como tudo se vai modificando. Até há pouco tempo as populações rurais, pode dizer-se, não tinham assistência médica.

Agora com a visita obrigatória dos médicos municipais ás freguesias e muito brevemente com os postos médicos das Casas do Povo nas sedes das freguesias, a assistência médica ás populações rurais, modifica-se por completo, vindo resolver um dos problemas mais instantes do nosso trabalhador rural.

A assistência infantil — uma das primícias da Revolução Nacional — é tarefa de especial carinho da Fundação Nacional para a alegria no Trabalho que, para isso, abriu colónias de campo e à beira-mar, onde os filhos de sócios das Casas dos Povos e Pescadores fazem estágios não inferiores a quinze dias.

Não menos de louvar é a missão de entidades particulares, neste campo filantrópico, como a das Juntas de Freguesia de Lisboa, que proporcionam aos filhos de gente pobre dos respectivos bairros, períodos de férias refrescados de bom ar. Ampliando a sua acção benemérita, as Juntas inauguraram, ultimamente, uma colónia campestre próximo de S. Antão do Tojal, Loures, arredor pitoresco de Lisboa, para onde partiram já os primeiros pequenos hospedes.

A Junta do Bem — outro precioso organismo de caridade — abriu numa dependência do edificio que possui em Santo Amaro de Oeiras, uma colónia balnear, onde até fins de Outubro turnos de 40 crianças beneficiarão dos ares da praia, pelo espaço de 20 dias.

Se juntarmos a estas notas a obra de assistência da Brigada Naval da Legião, que mantém no Forte das Maias, Oeiras, outra colónia para filhos de marinheiros, soldados e legionários, e a colónia balnear da Cruz Quebrada (mantida pelo Século há anos a esta parte), havemos de concluir que a educação física da criança é hoje uma realidade, a que o Estado Corporativo deu forma e consistência, realidade e expressão — fins filantrópicos estes que encontraram singular e magnífico concurso nas instituições de beneficência particulares porque, colaborando com os poderes oficiais, concorrem para o rejuvenescimento da Raça, PORTUGAL DE SALAZAR!

Conselho Municipal

Reune em sessão ordinária na próxima terça-feira, pelas 14 horas, a fim de tratar do plano de actividade e das bases do orçamento para o futuro ano de 1944.

Dr. José Maria Dias Albuquerque Saraiva

Em góso de licença partiu para a Figueira da Foz, o sr. dr. José Maria Dias de Albuquerque Saraiva, dignissimo chefe da Secretaria da Câmara Municipal, acompanhada de sua ex.ª esposa e filhinha.

Falta de água

Devido à grande estiagem, tem havido uma grande falta de água, sobretudo na do abastecimento e distribuição ao domicilio.

Festividades Religiosas

Realizou-se no passado dia 8 do corrente, nos Moninhos Cimeiros, a festa em honra de Nossa Senhora da Piedade, que foi abrilhantada pela Banda Municipal de Figueiró dos Vinhos, que executou alguns trechos de música do seu vasto e apreciado repertório.

— E' amanhã, dia 12 do corrente, que se realizam os tradicionais festejos a Nossa Senhora da Piedade do Outão, que constarão além das solenidades religiosas, de arraial e venda de fogaças.

A comissão das festas, que se não tem poupado a esforços, para que estas resultem brilhantes, contratou para este fim a já conhecida Banda Municipal do nosso concelho, que fará ouvir alguns dos melhores números do seu apreciável e apreciado repertório.

Dr. João Tendeiro

Em góso de licença, seiu na presente semana para Lisboa o sr. dr. João Tendeiro, veterinário Municipal e nosso Director Literário.

Manifesto do milho

Já se encontram na Câmara Municipal — comissão reguladora — os impressos para o manifesto do milho. Os mesmos manifestos, encontram-se também nas regedorias das diversas freguesias.

Mais uma vez chamamos a atenção dos senhores produtores de milho para o preenchimento do manifesto e que sejam feitos com o máximo rigor.

O governo deu instruções rigorosas no sentido do manifesto ser feito com todo o cuidado e de forma a representar a verdade.

Quando o manifesto não representa a verdade, as sanções são gravíssimas, sendo os individuos entregues ao Tribunal Militar.

Devemos ainda informar que brigadas de agentes serão distribuídas por todo o país, a fim de averiguarem se os manifestos representam ou não a verdade.

E, como todos sabem, é fácil de averiguar se o manifesto é ou não verdadeiro, porquanto, no nosso meio, sabe-se duma forma muito aproximada, quanto um individuo colhe de milho.

Não nos cançamos de repetir que todo o cuidado é pouco, pois sabemos as instruções que o governo deu neste sentido e o rigor da lei que é pesado.

Depois, não se queixem. O milho em face do decreto que obriga ao seu manifesto, não pode ser vendido directamente ao público. Será entregue aos Grémios da Lavoura que, depois de farinado, será vendida a farinha em estabelecimentos apropriados.

Vindimas

Na nossa região as vindimas anteciparam-se quasi um mês.

A produção é boa e a sua qualidade também deve ser boa.

Fôrça e coragem

«Contrastando com os receios infundados de uns, a ligeireza e despreocupação de outros, o Governo entende que a situação internacional geral, embora nos tenha permitido viver a nossa vida com mais ou menos dificuldade, continua a impôr a gravidade, trabalho intenso, economia, ordem, coesão e fortaleza de ânimo, qualidades sem as quais as nações sucumbirão nesta guerra, mesmo que não sejam batidas ou não tenham de bater-se.»

SALAZAR

E' durante os amargurados tempos de crise quando o homem se condena a morder o pó e a levar vida miserável de fera que por uma invencível reacção da própria dignidade individual ele se eleva no sonho, no estudo, na cultura, porquanto o sonho, o estudo e a cultura libertam o espirito das mesquinhas tristezas do mundo. Eis por que os Congressos anunciados para este fim de ano em Portugal revestem uma feição predominantemente intelectual. Eis por que o I Congresso das Actividades do Distrito de Leiria vai impôr-se, muito em especial, como um acontecimento de relevo na vida espiritual da Nação.

Tão fatigados andamos todos nós de falar da guerra, de ouvir falar na guerra, de discutir a guerra em todos os tons e à luz das mais desvairadas intenções, que saborosa alegria nos deve trazer o falar douras coisas e o pensar em outras menos tremendas.

Se há tão belos temas a explorar dentro do nosso passado, dentro da nossa casa, dentro do nosso amor à terra, por que motivos banhos das nossas conversas em comum e das nossas reflexões? Acaso sabem todos os leirienses e amigos de Leiria o que a Nação deve ao Distrito nas conquistas e na assistência, na arte e na erudição, no ensino e nas belas letras? Acaso conhecem bastante todos os leirienses quantas revoluções literárias se fizeram na sua imprensa, quantos mestres insignes daqui se espalharam no mundo inteiro, quantos embaixadores dos nossos Reis daqui saíram para longínquos estados do Novo Mundo?

Já se apreciou publicamente o nosso Distrito de manifestar nas gloriosas jornadas da expansão ultramarina desde Marrocos a Pequim por mares e terras nunca vistas? Quantos deste recanto bem amado levam já a nossa literatura distrital da expansão que compreende roteiros, narrações históricas e documentos científicos?

Ora se alguns (porque não dizer muitos?) ignoram a verdadeira glória espiritual da pequena pátria, — essa glória que nem os tempos nem os homens podem destruir — por que não havemos de a pensar, de a celebrar, de a discutir em voz alta como leirienses duma só fé e dum só parecer? Pois não deve contentar o nosso orgulho de bons provincianos que o escol duma geração feita entre duas guerras, no qual figuram professoras universitários, poetas e letrados de renome, advogados e médicos, engenheiros, oficiais de terra e mar e jornalistas, sacerdotes e industriais, se reuna pela primeira vez em um Congresso para exaltar o que é nosso e para afirmar numa bela obra cultural quanto valemos afinal Leiria vai encontrar-se de novo... depois de tantos anos ter andado afastada de si mesmo. A pequena cidade que outrora acendeu os primeiros arcos de iluminar os caminhos desertos da cultura e da arte, que há três séculos mandava os seus poetas cantar as grandezas de Lisboa e as glórias da Nação; — a pequena cidade que em 1595 erguia o culto de Camões à sua maior altura e desde então até hoje deixou arrefecer, vai em verdade encontrar-se de novo.

O Congresso lho dirá na sua voz clara e forte o que ela foi ontem, o que é hoje e que será amanhã. O Congresso lho provará — à nossa nunca esquecida cidade. Que se a glória de hontem ficou a resplande-

(Continua na 4.ª página)

Este jornal foi visado pela
Comissão de Censura

Notas à margem...

Crime grave UMA CARTA Grémio da lavoura

E' angustiante a hora que vivemos...

Cada minuto que passa assinala-se por borbotões de sangue, de milhares de vidas, que corre a jorros; por destruições sistemáticas de incalculáveis valores históricos irreparáveis para sempre...

Uma a uma, as nações de todos os continentes, vão mergulhando num dilúvio de desolação e miséria. Um calvário, que a Humanidade dolorosamente sobe e rega com o melhor sangue de seus filhos.

Mas ao lado desta hecatombe, sem igual, de vidas e valores materiais, surge nos o problema da economia, do abastecimento da população, com uma acuidade tam grave pelo que representa de momento e pela sua influência no vigor físico das gerações futuras, que exige de todos os governos uma atenção não menos intensa que os problemas da frente da batalha.

A frente interna duma nação, pode resistir aos mais tremendos e funestos canhoneios ou bombardeamentos; aceitar por amor pátrio o sacrificio da sua mocidade; sujeitar-se à privação dos prazeres da vida; à abolição do desnecessário; mas reagiu sempre, em todos os momentos históricos, contra a supressão do indispensável. Não há poder que consiga manter-se e estabelecer-se com um povo esmoreado. E quando surge, em tais momentos de crise, a parcialidade de situações, ou a fuga clandestina de gêneros necessários, sobrevem o perigo das revoltas em massa como seu cortejo de ódios, assaltos, vinganças, atentados etc. E' a anarquia a desenvolver-se sem que a força a possa conter. Com estômagos vazios não se brinca.

Ergue-se então, em tôda a sua grandeza o valor da agricultura. O lavrador com as unhas empastadas de terra, com as mãos calejadas da enxada e do arado, tisonado pelo calor e pelo frio, em luta selvagem com a terra tantas vezes madrastra, é a maior força política, económica e social duma nação. Os próprios meios industriais e comerciais, supõem o valor da lavoura. Porém, o lavrador, para o desempenho da sua missão, precisa de entusiasmo, estímulo e amparo. E' preciso não esquecer que corre to-

dos os riscos, e que, se como apoio só se recebe um agravamento de encargos, contribuições pesadas e múltiplas, exploração do que chama *seu*, perde o estímulo e resiste pela inércia. O lavrador não cultiva pelo simples prazer de cultivar. Cultiva para possuir. Quere chamar *seu* ao fruto do seu trabalho, e receber uma justa recompensa pelo suor derramado na sua faina diária. Se acontece serem tomadas medidas governativas ao arrepião dos seus interesses, quer restringindo-lhe a liberdade de acção, obrigando-o a experiência com que não se aclimata ou proibindo-lhe culturas que se tornaram eficientes; quer obrigando-o a vender seus gêneros por preços que, ponderadas todas as circunstâncias (despesas, ricos, encargos...) lhe não garantem um luero convidativo, ou faz a greve de braços caídos cultivando só para si o seu casal e os grandes centros morrem à fome, ou se defende pela perigosa fuga à fiscalização e ao mercado público, transferindo clandestinamente os seus gêneros para centros de consumo diferentes. O lavrador não se defende de roçadeira em punho, mas ganha sempre a batalha pela sua teimosia. Ninguém, como êle, é capaz de fazer a um govêrno o bloqueio pela fome.

Estamos, agora, em pleno período de recolhimento dum ano que não foi nada fagueiro e de baixo dum ceu tempestuoso, carregado de nuvens as mais negras e sombrias, sem descobrirmos no horizonte uma claridade de esperança para o rápido desanuviar da tremenda convulsão em que nos lançou o desvario humano. A miséria avassala não só os povos em guerra, mas alastra também, em proporções assustadoras, entre os povos, que mercê das circunstâncias, usufruem ainda a inapreciável paz.

Urge intensificar a produção, não só para acudir às necessidades próprias, mas ainda para valer, na medida do possível, aos países em luta. Não tenhamos porém dúvidas de que todas as medidas serão de rendimento reduzido, se ao lavrador não for garantido um luero convidativo. Só os ignorantes julgam, que os gêneros podem e devem ser vendidos à vontade do freguês, ou que se podem tabelar por processos matemáticos...

No dia 6 do corrente mês foi assassinado, no lugar do Carregal Fundeiro da freguesia e concelho da Castanheira de Pera, Emídio Alves, de 44 anos de idade, por seu filho de nome Horácio Henriques Alves, solteiro, de 22 anos de idade, residente no mesmo lugar e que com o pai vivia.

O crime deu-se quando a vítima estava a vindimar uvas, junto a um muro que vedava a propriedade, tendo sido pelo referido tilho empurrada uma pedra com o peso de 17 quilos que, caindo na cabeça da vítima, lhe fracturou o crâneo e provocou a morte imediata.

Em seguida o criminoso e sua mãe, mulher da vítima, ataram-lhe uma corda ao pescoço e dependuraram-no num barracão para fazer supor que se tratava de um enforcamento. Os criminosos encontram-se presos na cadeia desta comarca e já confessaram o crime.

Cobrança

Vamos lançar uma nova cobrança. Pedimos a todos os nossos assinantes o favor de satisfazerem as assinaturas apresentadas, pois a sua devolução representará para nós um prejuizo sensível.

O corrente ano agrícola não foi sorridente, mais por culpa do tempo do que dos homens, embora da parte destes se notasse certa culpabilidade nalgumas regiões, por não se desenvolverem nem manterem culturas necessárias, mas a preços inferiores; o que se aproxima poderá ser pior ainda, mesmo por culpa dos homes, se não houver o bom senso de, desde já, inspirar confiança e incutir entusiasmo ao lavrador.

Somos contra toda a especulação venha ela donde vier; sabemos que é uma epidemia de todos os tempos e difícil de evitar, mas acreditamos piamente que é possível atenuá-la, se o problema, aliás melindroso, for encarado na sua realidade positiva, num ambiente de mútua compreensão.

C. D.

Ex.º Sr.

Dr. Manuel Simões Barreiros
Figueiró dos Vinhos

Senhor Doutor.

Li no jornal «O Castanhense» de 1 de Setembro n.º 218, um artigo, criticando a Junta da minha presidência, à cerca da reparação feita na fonte de Arega. Não houve alterações. O que se fez foi, simplesmente, reparar o que tinha sido feito há mais de uma dúzia de anos. Se agora está mal, então também está aqui o tem estado. Mandei tirar uma pia velha, toda furada pela água, e colocar no mesmo sítio outra nova. Dizem agora que não tem altura para encher as bichas. Então também a outra não tinha, pois, que a pia nova que mandei colocar está ainda 3 centímetros mais funda do que a velha que saiu.

Dizem também que os animais vão lá beber. De facto, é verdade; mas só agora, é que vêm isso. Pois todos os anos, na época do verão, a água da nascente é pouca-chinha e os animais sempre têm ido beber na pia onde cai a água da bica e nunca ninguém reclamou.

Mas, como a Junta mandou reparar o que havia de maior necessidade na dita fonte, vêm agora com reclame para os jornais como se a Junta tivesse culpa da água ser pouca e dos animais não terem outro sítio onde possam ir beber. O sr. Baêta já viu a repação feita por isso melhor pode explicar a V. V.ª. Pedia a V. Ex.ª que mandasse escrever qualquer artigozinho em benefício da Junta. Isto faz-me lembrar a história do velho, o rapaz e o burro.

Peço desculpa de tanta maçada

Manuel Joaquim Inácio

Batata de semente

Procedeu-se já à distribuição de batata para a cultura estival que havia sido requisitada pelos agricultores bem como as quantidades de sulfato de amónio correspondentes.

O sulfato de amónio que ainda não foi levantado pelos requisitantes e que se encontra nos armazens do Grémio, deve sê-lo até ao próximo dia 20.

Armazém do Grémio

Avisam-se todos os associados que o Armazém deste Grémio da Lavoura se encontra aberto todos os dias das 9 às 19 horas, excepto às 3.ªs feiras, onde poderão fazer as suas compras de adubos.

A substituição do açúcar pelo mosto de uvas

Apesar de todos os esforços feitos para a normal distribuição dos bens de consumo, as circunstâncias derivadas de estado de guerra, tornam cada vez mais difícil o regular abastecimento do país em gêneros de primeira necessidade, como o açúcar.

Acontece que a colheita de de uvas se apresenta prometedora e por isso se recomenda à vinicultura a produção de mosto de uvas concentrado para ser utilizado como substituição do açúcar. A lavoura, ao fazê-lo, garante se em benefício da sua alimentação e não faz mais do que, nas horas difíceis que se atravessam, retomar um costume praticado em tão larga escala pelos seus antepassados.

No Grémio da Lavoura fornecem-se instruções para o seu fabrico a quem as solicitar.

Banda Municipal de Figueiró dos Vinhos

Programa do concerto de 9 de Setembro de 1943

das 21 e meia ás 23 horas

Allons nous en — Marcha — R. Franco
Aurora — Overture — R. Franco
Viva Aragon — Jota da Zarzuela — M. Blatori
As Bailarinas — Polka de cornetins — S. Morais
Rigoletto — Minueto da O'pera — G. Verdi
2.ª Miscelania Musical — R. Franco
Alte Kamaradem — Marcha — C. Teike

O Regento da Banda,

Raul Morais Franco

O DESAFIO

CONTO por H. LOPES DE MENDONÇA

VI

A' noite, Domingos Gonçalves, farto de consoar com os amigos, fatigado pelas emoções do dia, ligeiramente toidado pelos sucessivos brindes a que tivera de corresponder, furtou-se à companhia ruidosa dos seus admiradores, e encaminhou-se, cantarolando umas coplas castelhanas, para o quarto que ocupava, próximo da Porta do Mar, situada no largo nordeste da fortaleza. Era dentro de um pátio mourisco, por cuja porta, aberta de dia e noite, se enfiava naquêlo momento o alisado frescalhão.

— Dêxemo! que escurana! resmungou o Gonçalves ao penetrar

sôb a arcaria tosca, que rodeando o pátio, lhe dava uma aparência claustral.

Atravessou-o em direcção do seu aposento; mas quando tirava da algibeira a chave, pareceu-lhe, à claridade dúbida das estrelas, que um vulto alvacento se encostava a uma das colunatas de alvenaria.

— Quem está aí? perguntou êle em voz alta, embora perplexo sobre a realidade da aparição.

Não se enganava porém? O vulto destacou-se nitidamente e adiantou-se para êle.

— Domingos Gonçalves? interrogou de manso uma voz feminina,

em cuja pronúncia se denunciava um forte sotaque mourisco.

O cavaleiro português deteve-se, surpreendido.

— Sou eu. Que queres?

— Falar-te a sós.

Foi esta a lacónica resposta que a mesma voz, argentina e suavíssima, deu claramente em árabe. O Gonçalves conhecia suficientemente esta linguagem para a compreender. Sem hesitar chegou à porta, abriu-a num relance; e, dando lugar a misterica visita:

— Entra, disse êle.

Uma luz fraca se difundia pelo modesto aposento. Provinha da lâmpada acesa defronte de uma imagem da Virgem, num oratório improvisado. Diante dela, o devoto português havia implorado o alente e a força para o combate.

Num momento, o Domingos Gonçalves acendeu dois castiçais, e a tão inopinadas horas o procurava.

Não viu mais que um largo bedém pardo, de lá grossa, que lhe ocultava quasi completamente as feições, deixando apenas a descoberto dois olhos negros, aveludados, lânguidos, onde resplandecia a graça inefável da juventude.

Todo o sangue meridional do mancebo se lhe sobressaltou, num impeto vivo de paixão.

— Quem és? que queres? perguntou êle, com a voz ac de leve embargada.

Lentamente, a mulher descobriu o rosto, e deixou descair a capa mourisca. Então, Domingos Gonçalves teve um deslumbramento. A formosura dela excedia as vivas pinturas da imaginação. E o seu cérebro procurava as mais ricas imagens da fantasia oriental para descrever o fulgor daqueles olhos, o brilho daquelas tranças, a suavidade daquelas feições, a harmonia daquelles contornos.

Enquanto se deixava extasiar

nesta contemplação, ascutava as palavras arábicas, que pareciam perder a aspereza nativa ao passar pelos lábios nacarados da moura.

— Hazreti venceu o Profeta! Percebo-lhe agora. Voto-me a Mariâm, que além me sorri. E sou tua cemeão nazareno, tua esposa, tua, odalisca tua escrava! Assim o quer Deus Todo-Poderoso!

Domingos Gonçalves olhou a pasmado. Por um momento, julgo que o embalava um sonho celeste ou que o perseguia uma tentação do inferno. Mas um anjo não lhe traria os arrancos que lhe faziam latejar as artérias, um demónio não invocaria nomes sagrados.

Desanuviado e radiante, adiantou-se para ela e agarrou-lhe nas mãos.

— Como te chamas? perguntou êle em voz branda e trémula de comoção.

— Sâfia, segredou a moura, caindo-lhe nos braços.

F I M

c a r t a z
secção de publicidade

O anúncio é a maneira mais e económica eficaz de firmar os negócios — (Sir Charles Higham)



Horas					
11.30 às 13.00	«hora portuguesa»	DZE	24.73m	12.130	Kcjs
13.00	Noticiário	DZE	24.73m	12.130	Kcjs
18.45	Noticiário	DJC	49.83m	6.020	Kcjs
20.30	Noticiário	DXR	25.51m	11.760	Kcjs
20.45	Noticiário	DXU9	31.28m	9.590	Kcjs
21.15	Noticiário e Tema do dia	DJI	41.15m	7.290	Kcjs
22.30	Noticiário e Nota do dia	DJC	49.83m	6.020	Kcjs
23.45	Noticiário	DXR	25.51m	11.760	Kcjs
		DZC	29.16m	10.290	Kcjs
		DXU9	31.28m	9.590	Kcjs
		DJI	41.15m	7.290	Kcjs
		DXU9	31.28m	9.590	Kcjs
		DXX	48.86m	6.140	Kcjs

Joaquim J. Fernandes
Médico Municipal

Clinica geral
Doenças das crianças
Figueiró dos Vinhos

J. M. Albuquerque Dias
ADVOGADO
Figueiró dos Vinhos

A. Teixeira Marques
ADVOGADO
Telef. 13 — Castanheira de Pera

Alvaro Amorim Pinto
Advogado
Castanheira de Pera
Em PEDRÓGÃO GRANDE:
todas as segundas-feiras

Vinho do Convento. Está à venda

J. Rodrigues de Oliveira
Doenças de Pulmões
Partos
Clinica Geral
Consultório e residência:
Figueiró dos Vinhos

Colégio de Nun' Alvares

DE
T O M A R
Alvará n.º 42

Secção masculina e feminina em edificios independentes e afastados, tendo cada uma o seu internato
Ensino Primário — Curso de Admissão ao Liceu — Ensino Liceal completo
Tratamento cuidado e um ambiente confortável e salutar
Enviem-se regulamentos com todas as informações a quem as solicitar.

Domingos Duarte
Médico da Casa do Povo
Figueiró dos Vinhos

João Leal da S. Tendeiro
Médico Veterinário Municipal
Clinica Geral
Operações e Vacinações
Figueiró dos Vinhos

Mannel Simões Barreiros & Irmão, L.da

Armazém
de
Lanifícios

Figueiró dos Vinhos

Galeria Portugal, L.da

EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE QUADROS
ANTIGUIDADES E OBJECTOS DE ARTE

Rua D. Pedro V, 66 e 68 — LISBOA
Telefone 2 7330

CONSULTORIO
DENTARIO

A. MARTINS NUNES
DOENÇAS DA BOCA E
DENTES :- DENTES
ARTIFICIAIS

Consultas às Sextas-feiras
e aos Sábados até ao meio dia

Praça JOSÉ MALHOA
Figueiró dos Vinhos

Reabriu o seu consultório na
primeira quarta-feira de
Outubro

Consultório em Coimbra na
Rua Ferreira Borges, n.º 8

Mesquita & Irmãos, L.da

Sapataria
Papellaria
Artigos de novidade

A casa do género mais bem sortida do norte do Distrito

Figueiró dos Vinhos

Gustavo Coelho Godet

MODAS, FAZENDAS BRANCAS, MALHAS E MIUDEZAS

ESPECIALIDADE EM PANOS BRANCOS,
FAZENDAS DE Lã E ALGODÃO

Completo sortido para enxovais de casamento; chales,
lenços de seda e de lã

ARTIGOS PARA BORDAR; ALGODAO E Lãs EM FIO

Meias, camisas, chapéus e bonés; sempre novidades

Preços fixos sem competência

Figueiró dos Vinhos

A. Teixeira Forte
ADVOGADO
Figueiró dos Vinhos

Prevenção

O GUSTAVO previne todo o Ex.mo freguês que por motivo de força maior encerra o estabelecimento no dia vinte e nove de Agosto até ao dia ultimo de Setembro, e já com o colossal sortido de inverno.

Gustavo Coelho Godet

Figueiró dos Vinhos, Agosto de 1945.

Anuncio
TRIBUNAL DA COMARCA DE
FIGUEIRO DOS VINHOS
Editos de 20 dias
2.ª Publicação

Faz-se saber que por este Juizo e sua segunda secção, correm editos de vinte dias, corados da segunda e última publicação deste anuncio, citando quaisquer credores desconhecidos para no prazo de dez dias, findos os dois editos, virem à execução por custas e selos que o Digno Agente do Ministério Público move a Joaquim Pereira, actualmente ausente em

parte incerta do Brasil mas com o seu último domicilio no lugar de Vilas de Pedro, freguesia de Campelo, deste concelho e comarca, deduzir os seus direitos, como determinam os artigos 864.º e 865.º do Código do Processo Civil.

Figueiró dos Vinhos, aos 21 de Julho de 1945.

O chefe da 2.ª secção
Joaquim José da Conceição Junior
Verifiquei a exactidão
O Juiz de Direito
Themudo Machado

O Jornal «A Regeneração» n.º 595
de 21 de Setembro de 1945

PENSÃO COMERCIAL

Mesa esplêndida :- Quartos muito higiénicos

Quarto de banho com água fria e quente

Figueiró dos Vinhos - Telefone 9

Mais outro passeio

Noticias do Concelho

A nossa Carteira

Crónica Agrícola

Quando me encontro a férias, é do meu agrado a prática do pedestrianismo nas estradas, caminhos e veredas da Região onde o Céu, pela direcção geral de belas-artistas, mandou realizar obras de escultura e pintura que poderiam, com dignidade, figurar nos museus dali.

E não importa o sentido em que o iman do passeio nos atraia porque, em todos elles, se espraia o oceano de beleza onde a alma mergulha com volúpia.

Agora mesmo, o meu espirito se recreia, vendo passar, de novo, no "recran" das suas recordações alguns dos documentários filmados por ocasião das suas digressões e amorosamente arquivados.

Legendas dalguns: Passeio do Chávelho ao Salgueiro da Lomba pelas Fragas de São Simão; Passeio do Chávelho à Lapa da Moura por Agua de Alta; Oito dias de férias na Foz de Alge; Passeio ao Ribeiro Fundeiro pelas Bairradas, Sernache do Bom Jardim e Vale da Ursa; os Penedos da Portela da Trombeta e a sua lenda; Subida ao Cabeço do Pião, etc., etc.

O arquivo ficou, desde 23 último, acrescido de mais uma unidade a que foi aposta esta legenda: Do Chávelho ao Bairrão por Aldeia de Ana de Aviz e Aldeia da Cruz.

Não conhecia esta aldeia e ao Bairrão tinha ido, quando miúdo de seis ou sete anos, em companhia de meu pai, à festa do Senhor da Agonia.

Mas estavam tão veladas e desvanecidas as reminiscências que conservava daquele passeio que não andaria longe da verdade, afirmando o meu desconhecimento a respeito da última destas povoações.

Agora voltei lá movido por interesses de duas ordens: espiritual e económica.

De ordem espiritual porque os passeios, seja qual for a sua natureza, alargam a esfera dos nossos conhecimentos e oferecem à alma o mel do prazer que, quais abelhas laboriosas, fabricam.

De ordem económica pelas razões que a seguir exponho.

Eu e minha irmã mais nova somos senhores e legítimos possuidores, como se diz nas escrituras, dum meia dúzia de pés de sobreiros.

Ora como a lei permite que estes cavalheiros mudem, ao cabo dum novena de anos, de farpelas e supúnhamos que, pelos rasgões e docamentos bem visíveis, os fatos tivessem já aquela idade, fui, como já disse, de longada até ao Bairrão para oferecê-los a um amigo que, qual algebebe, se dedica a este género de negócio.

Mas antes de referir o desfecho que este teve, desejo expor alguns dos «clichés» que mais fortemente impressionaram as chapas da minha retina.

Peço perdão para a pobreza da fotografia e para a ignorância da minha arte do trabalho a côres.

Então, se os quadros são inestéticos, isentos de valor artístico, destituídos de beleza, porque me atrevo a expô-los? — perguntará, e com razão, o leitor.

Respondo sinceramente: — Foi o rifão (e os rifões são verdades demonstradas pelas experiências dos séculos) «quem dá o que tem o mais não é obrigado»

que, generosamente, ofereceu à minha ousadia as moletas a que se amparou para, embora caxeando, vir trazer os quadros à sala de exposição.

O primeiro panorama, a que apontei a objectiva do «Kodack» da minha visão, foi o que se desfrutava, em roda, do pavimento da ponte de Aldeia de Ana de Aviz. Efectivamente, a paisagem ali tem relêvo, matiz, perfume e sonoridade.

Relêvo, nos montes de farta poesia que marginam o talvegue por onde deslizam os cristais líquidos da ribeira.

Matiz, nas manchas amplas, espessas e verde-escuras dos pinhais, dos carvalhais e dos castanheiros; nas nódoas cinzentas dos olivais e dos cuvais; no amarelo desbotado dos milharais; no acobreado dos matos; no pontilhado das côres sortidas e aladas dos insectos e dos pássaros; na paleta rica de tonalidades das flores; no verde desmaiado das latadas que, amorosas e ciumentas, armaram como que um túnel sobre a ribeira para defender as águas dos beijos ardentes do sol e, como fundo, o azul metálico da ampla cúpula celeste, limpa, áquela hora, da mais ténue poeira de nuvens porque as auras da manhã, cuidadosamente, se ocuparam em ventilá-la com os espanejadores das suas asas.

Perfume, nos eflúvios que se erguem do verde turibulo da vegetação e, perante o altar da Natureza iluminado, de dia, pelo resplandecente lampadário do Sol e, de noite, pela luz prateada da lua e pelos miríades e cintilantes lumes das estrélas suspensas da abóbada da imensa catedral do Universo, sobem ao Céu como alados mensageiros de louvor e agradecimento a Deus pela maravilhosa obra da Criação.

Sonoridade, na orquestração harmoniosa, não obstante a variedade de instrumentos e de sons, do zumbir dos insectos, do dardejar das asas, do bafejar da aragem, da melopea infundável das fontes, do murmurar dos arroios que, de caminho, vão beijando as pedras e as fôlhas e segredando-lhes, talvez, (quem sabe?) apaixonadas declarações de amor, das canções alegres das raparigas que de troncos bem modelados e desenvolvidos, de rosas da saúde e da beleza formosamente abertas nos rostos, de olhos sonhadores, descilias, saias arregaçadas e chapau de palha na cabeça, h-pinham a água nas hortas para melhor a espalharem no terreno ressequido e sófrego, intensificando, assim, o seu grande poder fertilizador.

Na extremidade direita da ponte e atêrro sul da estrada existe um espesso maciço de plantas cuja doce sombra convida à instalação de baneas para repouso dos caminhadores fatigados pelas marchas e fustigados pela ardência dos calores caniculares.

Não poderia a Junta Autónoma das Estradas praticar mais esta obra de benemerência?

(Continua)

Chávelho, Setembro de 1943.

José Rodrigues Dias

Aguda

Festa de S. Pedro

Realizou-se no próximo passado dia 29 no lugar de Almofala de Baixo, desta freguesia, como tínhamos anunciado, a festividade em homenagem a S. Pedro.

Houve grande concorrência e tudo decorreu sem incidentes a lamentar.

A Banda Municipal deste concelho, justamente considerada o melhor agrupamento musical desta região, abrilhantou os festejos, tendo dado alguns concertos.

O seu ilustre regente tem primado na escolha dos programas que, sem favor, se pode dizer tem satisfeito as exigências de quantos apreciam as belezas de arte de Bethoven.

O valor artístico do ilustre maestro tem-se revelado em cada concerto com tal brilho que a freguesia de Aguda inteira lhe admira o talento que põe na organização dos concertos que só o génio musical do ex.mo sr. Raul Morais Franco lhe sabe imprimir.

Festividade religiosa

Realizar se-á no dia 19 do corrente mês nesta vila a tradicional festividade de C. Cristos.

Esta festa reveste-se sempre de solenidade. Este ano promete porém revestir singular importância estando nisto empenhados a Confraria do Divino Espirito Santo e o povo desta vila.

A Banda Municipal deste concelho, composta de 30 figuras abrilhantará os festejos tendo assim mais uma vez o povo desta freguesia ensejo de apreciar algumas obras musicais do seu variado repertório.

Revista «Turismo»

Um número de cem páginas dedicada às praias e termas

Está publicado o número da Revista «Turismo» que mantém os seus créditos rivalizando com as melhores publicações do seu género e aumentando, de numero o seu interesse literário e turístico.

A revista «TURISMO» que se publica sob a direcção do sr. António Pardal e tem como chefe de redacção o jornalista e conhecido escritor Julião Quintinha, continua realizando apreciável obra de propaganda, como o atesta este primoroso número dedicado às nossas praias e termas.

Tudo que pode interessar à propaganda das praias e termas de Portugal se encontra nas cem páginas deste número, através de magníficas fotografias e belos desenhos, não faltando também escolhida colaboração literária—novelas crónicas, reportagem, secções charadística e de jogo de damas, teatro, poesia, página da mulher, palavras cruzadas, aspectos da vida internacional etc.

Revista de leitura agradável e recreativa, simultaneamente, através da sua grande riqueza fotográfica dá-nos o panorama pitoresco das praias e termas do país, não só das mais luxuosas como também das mais populares.

Entre a colaboração deste belo número figuram trabalhos dos publicistas: Julião Quintinha, Sá

Padre Anibal Coelho

Foi nomeado pároco da Graça, tendo já tomado posse o sr. Padre Anibal Coelho que a seu pedido foi transferido da freguesia do Beco, concelho de Ferreira do Zêzere.

Visitas

Em casa do sr. dr. Armando Lopes da Cruz, digníssimo delegado do Procurador Geral da República, encontram-se de visita os srs. Afonso dos Remédios Furtado, funcionário colonial e Augusto Ferreira de Lacerda, estudante de direito e funcionário colonial.

— Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila o sr. João Pereira, funcionário público em Lisboa, que com sua família está em Campêlo terra da sua naturalidade.

— Também cumprimentamos o sr. Victorino Carvalho, de Campêlo.

— Nesta vila estiveram os ex.mos srs. Serafim Fernandes das Neves, estudante de Direito e nosso colaborador, em gozo de férias na Graça e Eduardo Garrido, director da Página Regional de Pedrogão Grande.

— Na nossa redacção cumprimentamos o nosso assinante sr. Norberto Rodrigues, de Lisboa.

Partidas

Para Vidago, onde vai fazer cura de águas, saiu o nosso assinante sr. João da Silva Feitor, desta vila.

O sentido cultural do Congresso

(Continuação da 1.ª página)

cer nos seus monumentos eternos, a energia promissora de hoje lhe abrirá largas sendas de prestígio no amanhã.

Leiria volta a encontrar-se nos seus naturais que nunca deixaram de lhe ser féis, nos tesouros da sua cultura, na pura altivez das suas e peranças.

Demos ao Congresso, todos sem excepção, a nossa incondicional simpatia. Não lhe recusemos as luzes do nosso entendimento, a flama do nosso entusiasmo e o vigor da nossa vontade, para que ele marque na vida portuguesa umas horas não só de bela camaradagem mas também de excelente riqueza intelectual. Levemos Leiria até ao nível de evidência que de direito lhe pertence, unidos todos no mesmo ideal e no mesmo fervor de bem servir.

A. de C.

Pereira, dr. Teixeira Pascoais, João de Alvor, Sidney Horniblow, Jacinto Benavente, Georges Edinger, dr. Cândido Guerreiro, Santana Quintinha, João Seabra, Américo Coelho, (página charadística) Teixeira Marques (página de jogo das damas), e dos desenhadores: Roberto Nobre, Rudy e Luiz de Campos.

A capa, a côres, é uma composição de fino gosto, sobre o Estoril, do ilustre artista Amorim.

A Videira

De tôdas as culturas conhecidas, o vinhedo é incontestavelmente uma das que mais sofrem sob a acção dos seus inimigos. Entre estes, contam-se principalmente o «mildio» e a «floxera». Esta só depois de aturados e fatigantes estudos pôde ser combatida com a necessária eficácia.

Pior do que todos estes males, porém, frequentemente, os frios e as geadas, de facto, o «inimigo n.º 1» dos vinhedos. Esta circunstância é, de resto, perfeitamente explicável, visto a videira, em geral cultivada, ser originária da vide silvestre, existente nos vales benéficos do Cáucaso.

Já em 1932 o grande especialista e fundador do primeiro Instituto de Estudos Vinícolas, Erwin Baus, escrevera a tal respeito o seguinte: «E' absolutamente necessário que, antes dos estudos nos próprios distritos vinhateiros, se proceda a experiências de cultivo, em regiões pronunciadamente desfavoráveis, sob o ponto de vista climático. O que se pretende são videiras de boa e segura produção. Em tais condições, temos de cultivar espécies que também nos anos climaticamente piores produzam um rendimento razoável.»

E a sua previsão demonstrou ser muito ajuizada. Sabê-se já, desde muito tempo, que nos vinhedos fortemente prejudicados pelo frio, sempre existem dispersas algumas videiras que pouco ou nada sofreram por tal motivo. Essas videiras devem ser naturalmente examinadas, determinando-se a sua capacidade de resistência ao frio. Nenhum agricultor desconhece que as seleções feitas na base de condições climáticas, particularmente desfavoráveis, são sempre as mais vantajosas.

Em Muncheberg, isto é, numa região bastante ao norte e na qual a videira já não progride na forma costumada, fundou o supracitado investigador o dito Instituto de Estudos Vinícolas. Rigorosos invernos se passaram desde aquela época, ocasionando, em parte, grandes prejuízos naquele pequeno vinhedo. Estes prejuízos não são, porém, o que mais importa e já mesmo haviam sido previstos. O essencial era obter cepas de máxima resistência ao frio, conseguindo-se, por último, da mais satisfatória maneira. Para esse efeito, iniciou-se o cruzamento das espécies europeias «Vitis vinifera», ainda um tanto sensíveis a geada, com as espécies silvestres mais fortes como, por exemplo, as da América do Norte, de resistência suficientemente conhecida.

A este respeito progrediu-se em Muncheberg bastante mais do que na França, onde naquela ocasião o mesmo problema também estava sendo objecto de grande interesse. Neste país, os resultados limitaram-se ao cruzamento da primeira geração. O primeiro cruzamento serviu de base para, por meio de sucessivas fecundações com pólen próprio, elevar à medida desejada, as qualidades da vide americana, em si de pequeno valor. Foram precisas inúmeras sementeiras, transplantações, colheitas, provas de vinho, etc., etc., até se ter alcançado finalmente uma videira que aliasse às suas qualidades próprias a conveniente resistência as temperaturas baixas.

E' esta a videira que, nos últimos tempos, se tem introduzido com melhor resultado dos países vinícolas da Europa.

A especulação adversa

«Notou-se que a especulação adversa excedeu em conjecturas fantasistas com intuíto que não devem ter sido propriamente manter no espirito público uma séria e salutar preocupação em harmonia com a gravidade dos acontecimentos em tólo o mundo.» — SALAZAR.